



MUSEU AO VIVO



MUSEU DO ÍNDIO

Ano III

nº 07

Junho/92

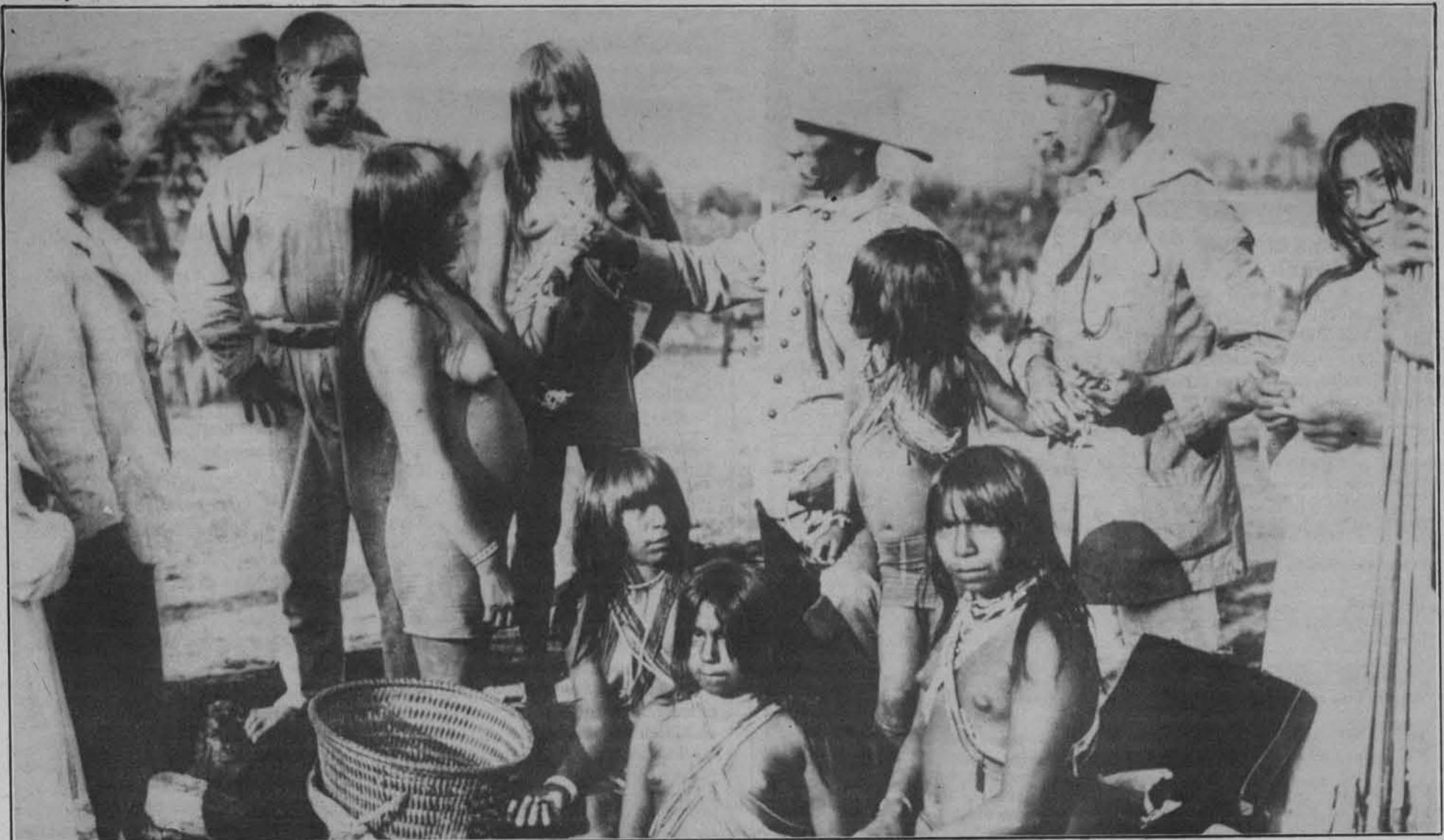
Edição Especial



Museu do Índio Funciona no Rio Há 39 Anos como Centro de Referência dos Povos Indígenas

Along the last 39 years, the Indian Museum has been a reference center about the indian people.

Foto: Major Thomaz Reis



Rondon distribuindo brindes aos índios Ariti do Núcleo Indígena Utiariti (MT)

O serviço Cine-fotográfico do Museu do Índio reúne cerca de 40 mil imagens fotográficas e aproximadamente, 80 filmes e vídeos que registram a realidade dos povos indígenas, alguns já desaparecidos. Mil e oitocentos negativos em chapa de vidro da Comissão Rondon (1907-1915) revelam os primeiros anos do indigenismo brasileiro.

(pág. 4)

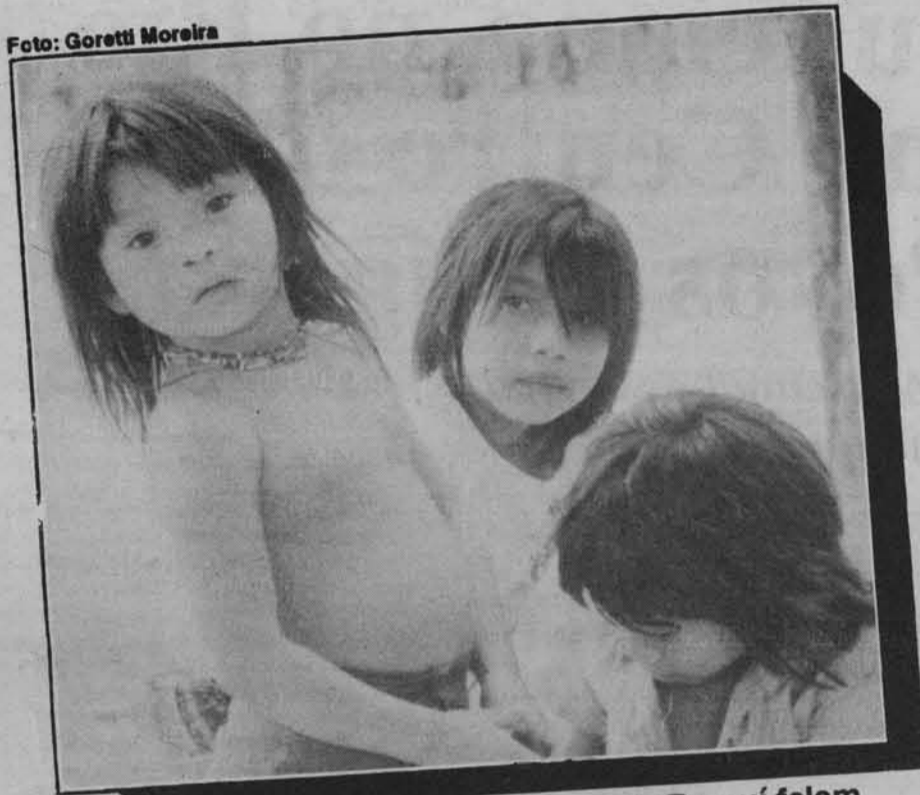
The film and photo service gathers about 40 thousand photos and more than 80 films and videos that show indian's customs, life and tradition. There is also The Rondon Commission's collection which shows the first years of the Brazilian indianism.

(page 4)

Índios Guarani no Rio de Janeiro lutam pela regularização de suas terras

Guarani Indians in Rio de Janeiro fight for their land's regulamentation

Foto: Goretti Moreira



Todas as crianças da Área Indígena de Bracuí falam o Guarani.

Cerca de 200 índios Guarani vivem numa área de 700 hectares, em processo final de demarcação, no Município de Angra dos Reis, lutando pela sua sobrevivência física e cultural.

Around 200 Guarani indians live in an area of 70.000 m2 in Angra dos Reis. They fight for their physical and cultural survival and try to demarcate their land.

Expediente

Jornal do Museu do Índio, órgão da Fundação Nacional do Índio — Funai

Publicação trimestral

Jornalista:

Cristina de Jesus Botelho Brandão, reg. prof. 18.678

Consultoria Técnica:

Maria E. Brêa Monteiro (Antropóloga)

Técnica de Laboratório:

João Domingos Lamônica

Colaboração:

Esther Caldas Bertoletti, Goretti Moreira, Carlos Augusto da Rocha Freire, Ana Maria da Paixão

Programação Visual:

Isabela Matheus e Isabela Secchin

Produção:

Jotanesi Edições

Diagramação e Montagem:
Mario Roberto

Editoração Eletrônica:

Black Star - 242-3459

Distribuição gratuita

Nº 07 — Junho/92

Tiragem: cinco mil exemplares

Versão para Inglês:

Beatriz Lahorgul

Museu ao Vivo:

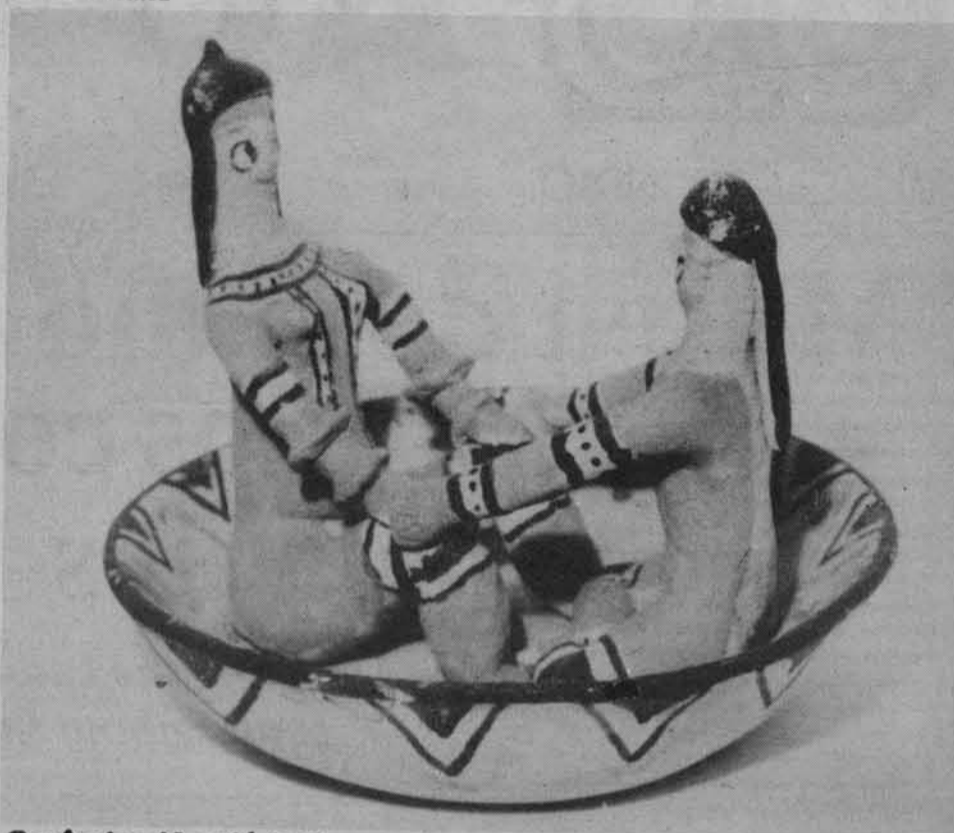
Editado pela Comunicação Social do Museu do Índio, Rua das Palmeiras, 55, Botafogo — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22.270

Tels.: 286-8899 e 286-2097 — Telefax: 286-0845 Telex: 37091.

MV não se responsabiliza por conceitos emitidos em matérias assinadas.

Arte Indígena no Rio Design Center

Foto: Lamônica



Cerâmica Karajá (TO)

Produções artesanais elaboradas pelos índios com função utilitária ou religiosa, de grande expressão estética, configuram arte indígena. As manifestações de criatividade se revelam na música, pintura, dança e artesanato. A relação dos povos indígenas com o meio ambiente também é refletida nas suas criações artísticas. Esse é o tema da exposição promovida pelo Museu do Índio, no Rio Design Center, para a Conferência do Rio.

São 53 peças (plumárias, cerâmicas, adornos e máscaras) representativas dos grupos indígenas Kaiaipó(PA), Karajá(TO), Marubo(AM), Wai-Wai(RR), Apa-

laí(PA), Tapirapé(TO), Tikuna(AM), Kanela(MA) e povos do parque Xingu (MT), que permitem a divulgação ao público de aspectos do cotidiano indígena.

(Av. Atafu de Paiva, 270 — RJ)

The Indian Art at the Rio Design Center

The indian's relationship with the environment is reflected in their art. That the main theme of the exhibition at the Rio Design Center, where one can also see many other works of art home utensils, or religious objects belonging to the Brazilian Indians.

Biblioteca Marechal Rondon

Especializada em antropologia e política indígena, foi organizada, em 1953, junto ao Museu do Índio, para apoiar as pesquisas institucionais e fornecer subsídios a pesquisadores nacionais e estrangeiros.

Seu acervo, resultante da reunião das coleções dos extintos Serviço de Proteção aos Índios, Conselho Nacional de Proteção aos Índios e da biblioteca particular do Marechal Rondon, conta, hoje, com cerca de 30.000 peças entre monografias, periódicos, folhetos e teses sobre a temática indígena.

Entré suas diversas atividades destacamos a elaboração de levantamentos biblio-

gráficos sobre grupos indígenas, realizados em atendimento a solicitações internas e externas, e a reativação da coleção infanto-juvenil, para melhor atender a professores e estudantes do ciclo básico.

Horário de funcionamento:
9h30m às 17h30m, de segunda à sexta-feira.

Beatriz Lahorgul
Tel.: 275-7222
Tradutora Intérprete
Translations into English

Índios e Ambiente-Diversidades em Equilíbrio

*Lino João de Oliveira Neves

Para os povos indígenas "a questão da terra continua sendo crucial"; "o desenvolvimento econômico nacional exerce pressões sobre os territórios que ainda estão em poder dos povos indígenas... Essa evolução pode afetar a economia, o habitat e os sistemas sociais, religiosos e culturais dos povos indígenas". Assim adverte a ONU, no informativo Los Derechos de los Pueblos Indígenas, de 1990, alertando para os problemas surgidos cada vez que povos vizinhos ampliam seus domínios sobre outros territórios ou que colonizadores, vindos de terras distantes, se apoderam, pelo uso da força, de novas terras, pondo em risco a existência dos povos indígenas.

Durante séculos, durante toda a eternidade anterior às mudanças advindas pela colonização europeia, a economia dos grupos indígenas esteve adaptada aos ecossistemas que permitiram o desenvolvimento de grupos humanos enquanto sociedades diferenciadas.

A questão que se apresenta nos leva à necessidade de refletir sobre a distinção, básica e antagônica, que opõe a sociedade brasileira aos grupos indígenas, os quais, mesmo após estes quase 500 anos de dominação explicitam através de suas relações com o meio ambiente um projeto de existência de compromisso não-predatório com as gerações futuras. Se em si estes "projetos" apresentam, hoje, desequilíbrios que podem comprometer a permanência futura não só das populações indígenas mas de todo o "ecossistema" Brasil, este fato deve ser visto não apenas como desvio daqueles "projetos" originais mas como resultados equivocados de uma política desenvolvimentista que cada vez mais restringe os espaços de movimentação autônoma dos segmentos étnicos que compõem a população brasileira.

Para que qualquer colocação sobre a utilização pelos grupos indígenas do potencial de suas áreas como recursos econômicos tenha alguma validade, é necessário que a análise sobre a

Foto: Lamônica



Floresta Amazônica /72

racionalidade de exploração dos recursos naturais se enquadre não apenas nas relações de produção dominante. Nesse sentido, o conceito de racionalidade (ou racionalidades) não pode tomar o "índio" unicamente como agente de produção, mas deve considerar, segundo cada caso particular, a situação de contato estabelecida entre a sociedade brasileira e o grupo étnico, e, principalmente, o próprio grupo segundo seu sistema cultural específico. Ou seja, a conceituação da racionalidade de exploração pelos grupos indígenas dos recursos de suas áreas deve, necessariamente, considerar o contexto de relações entre grupos étnicos diferenciados (minorias étnicas e sociedade nacional) e não apenas a perspectiva econômica daquela exploração.

A questão indígena não é uma questão de ordem econômica. Tampouco os aspectos econômicos decorrentes das relações dos grupos indígenas com a sociedade brasileira são questões únicas e exclusivamente dessa ordem. Antes de todo e qualquer outro aspecto, questões econômicas, ecológicas, sociais e políticas presentes no relacionamento entre índios e sociedades nacionais são derivações da nova situação que põe em confronto concepções e interesses étnicos diferentes, administrados de modo unilateral segundo as perspectivas sociais, políticas e

econômicas do grupo dominante colonizador.

Conflitos e disputas territoriais de qualquer espécie são questões de ordem política, o que, no contexto de relações entre sociedades culturalmente diferentes, corresponde a dizer questões de ordem étnica. Assim, conflitos e disputas envolvendo grupos indígenas são eminentemente disputas étnicas não podendo ser tratadas de modo simplista através de decomposição em seus vários aspectos de ordem econômica, ecológica, jurídica, etc...

A crise ambiental impõe novos direcionamentos às políticas econômicas, implicando desafios às relações entre os diferentes Estados e, no interior destes, com os segmentos étnicos e sociais circunscritos em suas fronteiras nacionais.

No âmbito das sociedades nacionais se estabelecem os conflitos entre preservar florestas para o uso comum do conjunto da população; reservar terras para o uso exclusivo dos grupos étnicos; garantir condições de sobrevivência social e política aos grupos étnicos no contexto das relações interétnicas.

A emergência da crise ambiental resgata os índios como exemplo de equilíbrio ecológico paradoxalmente no momento em que, por sua subordinação às relações políticas e sua inserção no mercado de consumo, começam a perder o controle de aspectos étnicos que ditavam o seu desenvolvimento e sua manutenção temporal.

Não se pode postular, no entanto, alternativas ingênuas de conservação dos índios em seu estado "natural", como a se pretender mantê-los em redomas ou reservas ecológicas. O que se faz necessário são proposições políticas — político-sociais, político-ambientais, político-econômicas — que permitam a estes grupos reconstruírem um espaço de sobrevivência física e étnica dentro do novo contexto de relações com a sociedade ocidental.

O que se deve é resgatar a importância de conhecimento dos grupos indígenas para a construção do planejamento de um "ecodesenvolvimento", ou de um "desenvolvimento sustentável". O que se pretende aqui é sugerir que,

Foto: H. Foerthmann



Índio Bororo pescando no Rio São Lourenço (MT)/43

numa aproximação necessária do diálogo com a economia e o ambientalismo, a antropologia dos grupos indígenas pode contribuir nessa busca por caminhos que indiquem momentos mais duradouros de equilíbrio nas relações homem-natureza, momentos estes que necessariamente, deverão passar pela reflexão acerca das relações homem-homem, cujos resultados afetam o futuro comum.

Num mundo ditado por regras sócio-culturais, as preocupações com a sobrevivência do planeta, reivindicado comum, não podem se reduzir à guerra ideológico-filosófica do ecologismo contra o antropocentrismo, que dissocia sociedades e natureza. O centro de nossas atenções deve voltar-se para os homens em sociedade e em suas interações com o meio ambiente, como partes ativas — homem e meio — das relações recíprocas e indissociáveis que configuram um "ecossociossistema".

Texto extraído a partir de "Ecologismo Indígena: o redescobrimto da economia indígena pela crise ambiental. (Trabalho apresentado na XVIII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia; 12-15 de Abril de 1992; Belo Horizonte-MG.)

Museu do Índio, Maio de 1992

*Mestrando em Antropologia Social/UFSC e Chefe da Divisão de Etnologia Indígena e Lingüística do Museu do Índio.

Acervo histórico no Museu do Índio

The historical collection at the Indian Museum

O Museu do Índio possui um variado acervo etnográfico: são 10 mil peças confeccionadas pelos povos indígenas brasileiros, como máscaras, adornos, cestarias, objetos de cerâmica e madeira, instrumentos musicais e brinquedos. Além do artesanato Bororo, coletado pelo Marechal Rondon, destacam-se as coleções de cerâmica e couros pintados Kadiwéu (1948) e de plumária-Urubu-Kapor (1950) reunidas por Darcy Ribeiro.

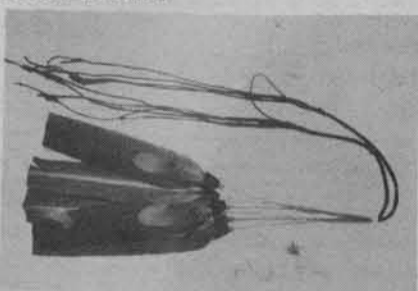
Entre o acervo museológico mais contemporâneo estão as peças coletadas, na década de 70, pelas equipes de atração dos grupos indígenas Waimiri-Atroari, Parakanan e Kreen-Akarore.

At the Indian Museum one can find about ten thousand pieces of art, like masks, baskets, ceramic and or wood home utensils, musical instruments and toys, all of them made by Brazilian Indians.

Among them, there are many pieces of Bororo's handicraft which were collected by Rondon and the wonderful Kadiwéu and pluma Urubu-Kapor ceramics and painted pieces of leather gathered by Darcy Ribeiro.

More recent things, like these collected at the 70 can also be found. These are hand-made Waimiri-Atroari, Parakanan and Kreen-Akarore pieces of art.

Foto: Lamônica



Plumária Kanela (MA)

O público, ao visitar o Museu do Índio, conhecerá também a LOJA ARTÍNDIA, onde pode ser adquirido artesanato dos diversos grupos indígenas do Brasil.

Horário de funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 8h30m às 17h30m.

Telefone: 286-8799.

Visiting the Indian Museum, people can buy a large number of hand made Brazilian Indians objects at the "ARTÍNDIA" shop.

Open: from Monday through Friday from 8:30 AM to 5:30 PM.

Phone: 286-8799

Futuro e tradição caminham juntos

Future and tradition walk along together

Muito antes da chegada do homem branco à América, nas regiões ao longo dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, os índios de língua Guarani iniciaram a utilização da erva-mate. Bebendo a infusão de folhas da erva, os índios renovavam suas forças, alimentavam o corpo e curavam suas doenças. Hospitaleiros e generosos, eles disseminaram o hábito de beber mate entre os colonizadores portugueses e espanhóis, que fizeram da bebida uma tradição latino-americana.

O habitat preferido da erva-mate são as matas de pinheiros (*Araucarias angustifolia*) do planalto sul brasileiro, nas encostas e nos vales dos rios que recortam a região. A concentração da erva nativa se dá principalmente no Sul do Mato Grosso do Sul, Sul do Paraná, Santa Catarina, Norte do Rio Grande do Sul, Leste do Paraguai e Argentina.

Historicamente, o fabrico e o comércio da erva-mate encontraram o seu maior desenvolvimento no Estado do Paraná. Já no final do século XIX, a economia ervateira respondia pela maioria dos empregos e da renda dos paranaenses. Foi nesse período de grande progresso (1901) que Agostinho Ermelino de Leão Júnior fundou, em Curitiba, a Leão Júnior, uma empresa que, desde então, vem atuando no ramo de erva-mate, fabricando produtos de primeira qualidade. Hoje, a Leão Júnior é o maior fabricante mundial de produtos deste gênero.

A erva-mate, comercializada pela Leão Júnior, em grande parte produzida em suas próprias fazendas nos Municípios paranaenses de São Mateus do Sul, Angaí, Pinaré e Teixeira Soares. São 2.753 hectares de terras férteis, sendo que 1.725 ha são ocupados por florestas nativas.

Nestas terras, a Leão Júnior está desenvolvendo o "PROGRAMA DE ADENSAMENTO FLORESTAL", uma iniciativa da empresa no sentido de preservar as áreas de floresta heterogênea para garantir o equilíbrio ecológico e o aumento de produção de erva-mate.

A proposta básica do Programa é o enriquecimento das florestas existentes com o plantio de erva-mate. Cerca de 1.725 hectares de florestas sofrerão um processo de adensamento que irá manter todas as variedades de plantas nativas, abrigar a fauna e reduzir o ataque de pragas e efeitos climáticos sobre as erva-mates.

A erva-mate colhida na floresta será de qualidade superior e, através do PROGRAMA, a Leão Júnior aumentará sua produtividade sem ferir o meio ambiente.

The Leão Júnior is developing a forest thickening program which aims to preserve the forest areas and warrant the ecological balance, besides increasing "Paraguay tea" production.



Leão Júnior S.A.
Av. Getúlio Vargas, 253
80 230 Curitiba, PR

Pensar a história para construir o futuro

*Carlos Augusto da Rocha Freire

Um mergulho no acervo do Serviço Cine-fotográfico do Museu do Índio certamente ajudaria as sociedades indígenas e seus aliados a se aproximarem de uma época ainda pouco conhecida do indigenismo brasileiro.

Constituído por cerca de 40 mil negativos, o acervo fotográfico possui imagens oriundas dos trabalhos da Comissão Rondon no Mato Grosso e no Amazonas; fotos raríssimas que ilustravam os relatórios das antigas Inspetorias do Serviço de Proteção aos Índios-SPI e quase todo o fundo fotográfico produzido pelos etnólogos e fotógrafos da Seção de Estudos do SPI nos anos 40 e 50. Algumas fotos são valiosas e dramáticas, documentando grupos indígenas considerados extintos.

A diversidade encontrada na formação desse acervo permite a antropólogos, historiadores e pesquisadores em geral empre-

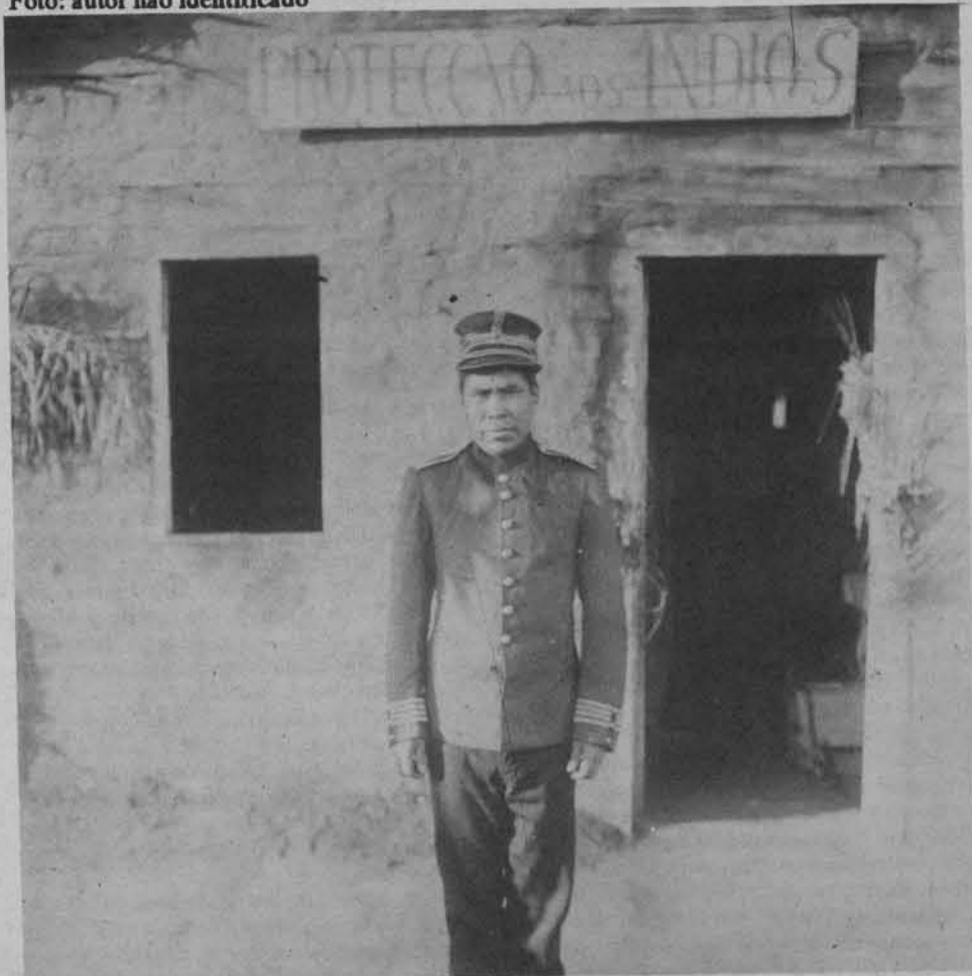
garam as fotografias para desvendar e repensar um período da história indígena e do indigenismo no Brasil.

Ao mesmo tempo, como muitas fotos mostram o contato estabelecido entre as sociedades indígenas e a nacional, os índios e suas lideranças têm à sua disposição um instrumento importante para o conhecimento dessa relação: elas revelam a ação dos militares desbravando territórios indígenas desconhecidos, expõem a presença dos missionários influenciando a cultura indígena e, principalmente, esclarecem o trabalho educativo e "civilizatório" realizado pelos indigenistas do SPI.

Conhecer as várias fases dessa história neste século possibilita o fortalecimento da memória indígena e estimula a conscientização que deve embasar qualquer intervenção esclarecida na política indigenista brasileira.

*Antropólogo, pesquisador do Museu do Índio.

Foto: autor não identificado



O cacique Vegmon — índio Kaingang do Paraná — foi um dos intérpretes do Serviço de Proteção aos Índios — SPI durante a pacificação dos Kaingang de São Paulo.

The tribal chief Vegman, a Kaingang indian from Paraná, was one of the Indian Protection Service's interpreter at the Kaingang's peace treat in São Paulo.

Dois momentos na vida dos bororo:

Two moments at the Bororo's life:

Foto: autor não identificado



Doutrinados pelos Missionários Salesianos numa colônia indígena estabelecida por estes religiosos no Mato Grosso.

Indoctrinated indians in a colony established by Salesian Missionaries in Mato Grosso.

Foto: Major Thomaz Reis



Índios do Rio São Lourenço ornamentados para um ritual fúnebre.

The São Lourenço (Saint Laurence) River Indians ready for a funeral ritual.

No momento, a exposição permanente do Museu do Índio está fechada para reforma. Desde a sua instalação na atual sede, a instituição enfrenta problemas relativos às condições físicas do prédio e ao espaço para execução de suas atividades. A Divisão de Documentação, incluindo os Serviços de Documentação, Biblioteca e Cine-fotográfico, e a Loja Artíndia mantêm seu atendimento normal ao público.

O Museu do Índio está aberto de segunda a sexta-feira, das 10 às 17h30m.

Although the Document Division, the Library and the Film and Photo services are open to public, the permanent exposition at the Indian Museum is closed in order to be repaired. Since its recent transference to this building, it has suffered with the bad physical conditions of it.

The Indian Museum is open from Monday through Friday, from 10 AM to 5:30 PM.



USANDO A TRADIÇÃO



E ABUSANDO DA QUALIDADE

IMPRESSO